



Invasores autorizados

A segurança informática ganha estatuto de prioridade, por causa da crescente digitalização da informação

Texto Inês Cunha Direito Foto Frederico Martins

A Há poucos meses os responsáveis de uma empresa portuguesa viram em todos os seus *sites* fotos de raparigas nuas. A intrusão foi rapidamente controlada, mas revelou a fragilidade do

sistema. Para os *hackers* tudo é possível. “Desde roubar as moradas de correio electrónico, ter acesso ao número de cartão de crédito, à informação interna de uma empresa, roubar a base de dados dos clientes”, afirma Bruno Castro, 33 anos, adminis-

de dados dos clientes”, explica José Dias Cardoso, 42 anos, director de sistemas de informação da Credifin, empresa especializada em crédito ao consumo.

A segurança das informações sobre a vida financeira dos clientes é vital, e a protecção tem de existir não só a própria Credifin, mas também as lojas através das quais o cliente final acede ao crédito. Por exemplo, no caso de surgir um pedido de crédito com uma identidade forjada ou roubada estão instalados mecanismos para detectar incoerências nas informações recebidas e para examinar a veracidade dos documentos.

Ganhos de produtividade

A fraude de 5 mil milhões de euros levada a cabo por Jérôme Kerviel, funcionário do banco francês Société Générale, é um dos exemplos de má gestão das regras de segurança. “Aquela pessoa esteve meses sem tirar férias. Se tivesse tirado férias obrigatórias tinha passado trabalho a um colega e o erro era detectado imediatamente. Falhou uma norma interna e não

se lançou nenhum alarme”, explica Bruno Castro. Ou seja, a solidez de um sistema de segurança não se restringe à aplicação de ferrolhos digitais.

Na Einhell, uma empresa alemã que produz e comercializa ferramentas e sistemas de ar condicionado, a preocupação com a protecção da informação, somou-se à necessidade de agilizar o trabalho quotidiano. “Somos 29 funcionários e recebíamos por ano 450 mil *e-mails*”, recorda Rui Gonçalves, 39 anos, director-geral da Einhell, em Portugal. O combate ao correio digital indesejado aliviou as caixas de correio electrónico. “O que ganhámos? Produtividade. A informação que nos chega é 100% dirigida a nós”, salienta o gestor.

Em paralelo o acesso à internet ficou restringido ao período depois do horário de trabalho e às horas de almoço. As informações em Excel ou Word passaram a ser enviadas em formato PDF para garantir que os dados não são adulterados. Regras que parecem simples, mas essenciais para manter afastados os piratas informáticos indesejáveis. ■

trador-delegado da Visionware, sociedade de segurança informática de Leça do Balio, Matosinhos. O grau de vulnerabilidade de um negócio também se mede pelo seu nível da segurança informática. Afinal, está ao alcance de um clique toda a informação sobre produtos, contratos, pagamento de salários, clientes e a investigação e desenvolvimento.

No caso dos *sites* com fotos provocantes o remédio foi aplicado em várias fases. Primeiro apareceram os detectives. “Chegamos lá, paramos os serviços para se descobrir o que aconteceu; se roubaram ou

Má protecção informática é sinónimo de negócios vulneráveis, diz Bruno Castro

não; quem foi; se foi um ataque externo ou interno; o que alteraram...”, explica Bruno Castro.

Intrusos legais

A melhor solução é a defesa. Essa é outra fase de actuação da segurança informática: colocar as ferramentas informáticas essenciais para acautelar novos problemas. “Quando trabalhamos dentro da empresa é fácil, porque sabemos quem lá está, quem vem de fora, quem pode ver o quê, quem são os clientes. Montamos os alarmes e os cadeados virtuais”, explica Bruno Castro. No caso de apenas ser um auditor dos sistemas já instalados, a Visionware transforma-se em invasor autorizado pelo próprio cliente. “Vemos empresas que não têm nada. Conseguiríamos destruir o negócio todo: entrar, roubar o que há para roubar, enviar a outros, vender e dilapidar o que há lá dentro. Outras empresas estão cheias de equipamento, mas que está mal aplicado”, alerta Bruno Castro. Este tipo de especialista veste a pele do inimigo para revelar e resolver as fragilidades de um negócio.

Que cadeado escolher?

Nada parece escapar às malhas da segurança informática. Mas essa é a única solução para os negócios que querem garantir a confiança dos clientes. Nomeadamente no sistema financeiro, um dos alvos preferidos dos ladrões informáticos e, por isso mesmo, também um dos mais protegidos. O motivo dos *hackers* é aceder ao dinheiro. Na maior parte dos casos, para lá chegarem precisam dos dados dos clientes. “Se levassem o dinheiro em caixa de um dia de trabalho o prejuízo não seria tão grande como se levassem a base

SÓCIOS SEGUROS

Quando a Visionware nasceu, em Agosto de 2005, encontrou na JVC Holding – detida pelo empresário Joaquim Coimbra – o sócio com o capital necessário para pôr a empresa a funcionar. Bruno Castro, João Rego, António Manadas e Filipe Custódio, os quatro fundadores, asseguravam a carteira de clientes. No ano passado a Edisoft, empresa do grupo Empordef, adquiriu 50% do capital da Visionware.

As certificações internacionais são as mais-valias da VisionWare. Duas delas, atribuídas pela Autoridade Nacional de Segurança, permitem trabalhar com estruturas militares como o SIS, a Polícia Judiciária e a NATO. Em 2007 esta empresa facturou 1,6 milhões de euros e apresentou lucros de 100 mil. Com 35 funcionários tem escritórios em Matosinhos, Lisboa e na Praia, em Cabo Verde. Angola e Europa do Leste são mercados para onde a Visionware quer expandir o seu negócio.